

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

CARLA ANGELICA LUDWIG

**"MARIA ESPERANÇA, SUZANAS E OUTRAS MARIAS":
APRENDIZAGENS DO LÚDICO NA EJA NA EXPERIÊNCIA DE CONSTRUÇÃO
DE FOTONOVELA**

Porto Alegre
1o. Semestre
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**"MARIA ESPERANÇA, SUZANAS E OUTRAS MARIAS":
APRENDIZAGENS DO LÚDICO NA EJA NA EXPERIÊNCIA DE CONSTRUÇÃO
DE FOTONOVELA**

Carla Angelica Ludwig

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Comissão de Graduação
do Curso de Licenciatura em Pedagogia
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul como requisito parcial e obrigatório
para a obtenção do título de Licenciada
em Pedagogia.

Orientador:
Prof. Dr. Evandro Alves

Porto Alegre
1o. Semestre
2014

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado.

Paulo Freire

FÉ...

Acho tão importante esta pequena palavra, apenas duas letras, mas com um sentido imenso. Ter Fé, acreditar. Acreditar em nossas verdades, vontades, naquilo que consideramos importante, mas principalmente, ter fé em nós, naquilo que somos, mesmo que o mundo diga o contrário.

Para que de fato este sonho se realizasse, tive o apoio, não presencial exatamente, mas a quem devo minha eterna gratidão e amor, aqueles que um dia me ensinaram que eu tenho de ser feliz, pois ao olharmos pela janela, veremos que a vida é um milagre, e devemos ter fé nela, e por isto, tudo é possível, e não devemos desistir. Estes que aqui menciono são meus amados Pai e Mãe, que me ensinaram a ter valores, como por exemplo: que através do amor tudo é possível, o amor a vida, o amor e o respeito com o outro, ou simplesmente o amor.

Agradeço o meu pai, por ter me dado condições para que hoje eu estivesse aqui. Por ter sido sempre o meu herói, aquele que me levava para a escola em dias de chuva, que pouco me deu bronca, mas que muito me amou, e que pelas adversidades da vida, talvez tenha deixado seus ensinamentos de lado, como o fato de ter fé. Agradeço minha amada mãe, que o papai do céu tirou de nós muito cedo, por tudo, por ser a melhor mãe do mundo, aquela que sempre amou a todos, e por vezes se deixou em segundo plano, sempre se dedicando a família. Mãe sei que da onde estiveres estará olhando por nós.

Agradeço a minha vida, minha filha adorada, para quem olho todos os dias e agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de gerar um milagre, uma pessoa que torna meus dias mais felizes, e que também fez de mim uma pessoa melhor em todos os sentidos. Agradeço ao meu amado esposo, pai da minha filha, por estar comigo nos momentos mais difíceis e também felizes da minha vida. Obrigado por muitas vezes cuidar de mim.

Nestes tantos agradecimentos não poderiam faltar, minha afilhadinha Sara, que sempre me auxiliou nesta jornada, e por ser esta pessoa maravilhosa que

encanta a todos por onde passa, assim como sua irmã Lauren, que são minhas princesas. A minha prima Débora, amiga, dinda da minha filha, a irmã que não tive, e que nos momentos mais difíceis de minha vida, esteve comigo. Obrigado por ser esta pessoa maravilhosa e que amamos tanto.

Também não posso deixar de agradecer minhas amigas, de cada fase da vida: as amigas de colégio, as amigas as quais temos muitas histórias para contar, e com as quais passei muitos momentos felizes e divertidos. Em especial a minha “gêmula” Cristina, que quando ninguém se lembrou de mim, você estava lá. A minha amiga Carolina Lima que cuidou de mim, quando eu precisei e que esteve comigo durante esta caminhada. Aos amigos Denise e Rodrigo, por serem pessoas especiais em nossa vida.

A escola na qual realizei o estágio docente do 7º semestre, Presidente Vargas, por ter me acolhido de tal forma que consegui ter uma experiência e um aprendizado que levarei para toda a vida. A maravilhosa gestão desta escola que sempre busca uma maior qualidade na educação para seus alunos. À professora Geani, que para mim foi um exemplo de professora dedicada e que luta por seus alunos, por esta ter me concedido a integração com a turma T1 e T2, durante o estágio docente, o que foi de fundamental importância para a concretização do trabalho desenvolvido durante aquele semestre, dos quais um deles deu origem a esta pesquisa.

As colegas que vivenciaram comigo as experiências ao longo deste processo, principalmente as colegas e amigas Fernanda Deitos e Ana Isabel, que fizeram destas experiências momentos de trocas de aprendizados. Aos professores por quem tive o privilégio de passar durante estes anos na Faculdade de Educação, os quais me ensinaram muito, sobre muitas coisas, as quais não esquecerei: Aprendi sobre a vida, as pessoas, suas subjetividades, o trabalho social de um docente, nossa responsabilidade com a educação, entre outros.

Um agradecimento especial a professora Tania Marques, minha professora da monitoria, uma das pessoas mais queridas que já conheci. Obrigado por ser esta pessoa tão alegre e especial, adorada por todos a sua volta. E principalmente, meus agradecimentos ao meu orientador de estágio e TCC: Evandro Alves, que viveu comigo todas as angústias, alegrias e tristezas vivenciadas durante estes momentos. Por ser um exemplo de professor, que com seus ensinamentos fez com que repensemos nossas atitudes perante a sociedade, na qual estamos inseridos.

RESUMO

Este trabalho versa sobre aprendizagens em projetos pedagógicos pautados pelo uso de estratégias envolvendo a ludicidade na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Via de regra, a ludicidade é relacionada à Educação de crianças. O estudo problematiza tal relação, ao pontuar o lúdico como vetor importante de aprendizagens e constituição do sujeito, independente de faixa etária. Para tal, revisitam-se experiências do estágio docente, realizado em turma de EJA em escola da rede municipal de Porto Alegre, em 2013. Tematiza-se, dentre as experiências realizadas, a construção de fotonovela intitulada “Maria Esperança”, em que a ludicidade foi um princípio orientador. Sobre a especificidade da EJA, conta-se com apontamentos de Freire (1996), Pinto (2010) e Réus (2013). Sobre o lúdico e experiências envolvendo a ludicidade na EJA, tomam-se considerações de Huizinga (2000) e Galdino et al (2012). O estudo configura-se como pesquisa participante (BRANDÃO, BORGES, 2007; DEMO, 2008). Os instrumentos de coleta de dados foram registros do diário de campo e realização de entrevistas semiestruturadas com o grupo participante da pesquisa. O estudo busca contribuir com a discussão sobre trabalho pedagógico na EJA, suas especificidades e potencialidades, ao trazer indícios da positividade de metodologias que se valem da ludicidade, pelas aprendizagens construídas e potenciais aberturas a instâncias de participação do grupo de trabalho, por uma construção mais coletivizada das práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Metodologias de Ensino-Aprendizagem; Ludicidade

LISTA DE SIGLAS

UFRGS – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

PNE – PLANO NACIONAL DA EDUCAÇÃO

TCC – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	9
2	A ESPECIFICIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	12
2.1	Funções da EJA	12
2.2	Especificidades da Educação de Jovens e Adultos	16
2.3	Ludicidade na EJA	18
2.3.1	Ludicidade na EJA: estudos realizados	22
3	OBJETIVOS, QUESTÕES DE PESQUISA E METODOLOGIA	25
3.1	OBJETIVOS DO ESTUDO	25
3.1.1	OBJETIVO GERAL	25
3.1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	25
3.2	QUESTÃO NORTEADORA	26
3.3	Configuração do Estudo	26
3.3.1	Registros Diário de Campo	27
3.3.2	Entrevista semiestruturada	27
3.4	Contexto da experiência	28
3.4.1	A construção da fotonovela	29
4	ANÁLISE DE DADOS	36
4.1	Fotonovela “Maria Esperança”: o que os alunos têm a dizer?	36
4.2	“É um teatro, né?”: apontamento sobre a constituição das personagens	37
4.3	O professor e uma plateia: a ampliação da audiência na apreciação do trabalho pedagógico	38
4.4	Sobre as aprendizagens	39
4.5	Fotonovela “Maria Esperança”: o que a professora-pesquisadora-estagiária-formanda tem a dizer?	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	46
	ANEXOS	48

1 APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem sua origem a partir do desenvolvimento do estágio obrigatório do 7º semestre, realizado no segundo semestre de 2013 em uma turma da EJA das etapas iniciais do ensino fundamental, de escola vinculada à rede municipal de ensino, do município de Porto Alegre. Neste estágio, foram realizados projetos que buscavam tornar as aulas mais significativas, nos quais os alunos se sentissem pertencentes e construtores daquele espaço pedagógico.

Preocupávamo-nos com a natureza das práticas pedagógicas: como desenvolver atividades e projetos com os alunos que fossem condizentes com sua fase e condição de vida? De que maneiras respeitar, no âmbito do trabalho pedagógico, as especificidades de uma educação voltada a jovens e adultos, que se difere dos processos educativos voltados a crianças, conforme aponta Pinto (2010)?

Um dos riscos pedagógicos apontados por Pinto diz respeito à infantilização da educação de adultos, pela crença equivocada dos professores de que o processo educativo se dá da mesma forma para uns e para outros. E incorrer neste equívoco é muito mais simples do que se imagina. Tendo em vista o que já estamos acostumados a ver em observações e práticas escolares, nas quais os alunos se sentem, e são infantilizados com propostas que tornam estes jovens adultos, cheios de experiências de vida, com muito a ensinar e a aprender, a preencherem “folhinhas” com bichinhos, e outros, que na maioria das vezes estão no diminutivo, conforme descrito por Réus (2013), que após observação e início de estágio acadêmico se deparou com uma situação não diferente daquelas que vivenciamos muitas vezes em observações ou até em equívocos nas nossas práticas, nas quais infantilizamos nossos alunos. Réus, 2013 nos traz em sua pesquisa, na qual problematizou estas dinâmicas em sala de aula, que

[...]uma das possíveis explicações para tais procedimentos está na cultura escolar conteudista, ou seja, na reprodução de um modo padronizado de propor atividades, de valorizar os mesmos conteúdos repetidos a cada ano, como se fossem prontos e acabados. (RÉUS, 2013, p.24).

Por outro lado, um dos vetores de condução da experiência vivenciada no estágio foram projetos pedagógicos relacionadas com a ludicidade. Á grosso modo, ações lúdicas estão associadas ao ensino de crianças.

Porém, na experiência de estágio, foram desenvolvidas junto ao grupo de trabalho da EJA diversas atividades, tais como montagem de esquetes, representações gráficas, construção de materiais expressivos. Mas um trabalho desta natureza não consistiria, necessariamente, infantilizar o processo educativo do jovem e o adulto? A partir desta inquietação, surge a questão para o presente Trabalho de Conclusão de Curso, o qual pretende tematizar a ludicidade na EJA, suas formas de trabalho e suas aprendizagens. Assim, temos como pergunta orientadora: **Quais as aprendizagens dos alunos e da docente em um trabalho pedagógico desta natureza, que se vale da ludicidade, mas que busca não recair na infantilização de um grupo de educandas na EJA?**

Para tanto, estabelecemos um estudo de caráter qualitativo, configurado com uma pesquisa participante a partir de experiências realizadas no estágio e das estratégias utilizadas, como: entrevistas semiestruturadas com os alunos participantes do projeto para a elaboração desta pesquisa e com a professora regente da turma no momento do estágio, além de relatos da minha experiência no momento em que se efetivava o trabalho aqui apresentado e estudado.

Desta forma, buscamos contribuir com a discussão sobre o trabalho pedagógico na EJA, suas especificidades e potencialidades, para que tenhamos uma educação com respeito aos seus educandos, suas fases e condições de vida. Com o intuito de uma maior qualidade de ensino, na qual a “vida”, em suas múltiplas facetas, possa ser potencializada como estratégia de trabalho para o ambiente escolar.

O estudo realizado tom como mote a obra realizada pelos alunos: “Maria Esperança”. Trata-se de uma fotonovela realizada a partir de um projeto desenvolvido na instituição da escola, no qual foram realizadas atividades a partir de obras do escritor Marcelo Spalding. O grupo de T1 e T2 da EJA, referente à alfabetização, trabalharam o miniconto chamado “Maria”, que deu origem à fotonovela intitulada pelas alunas de “Maria Esperança”, a ser descrita neste estudo.

O trabalho que aqui se apresenta está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo consiste da presente introdução ao trabalho. O segundo capítulo

conta um pouco do histórico da EJA, suas especificidades, a ludicidade como estratégia pedagógica para esta modalidade de ensino.

O terceiro capítulo, deste trabalho fala do contexto da experiência e da metodologia utilizada para efetivação da presente pesquisa, que se configura como pesquisa participante (Brandão e Borges, 2007), e para qual foram desenvolvidas as análises do diário de campo e as entrevistas semiestruturadas com as participantes do projeto e com a professora regente.

O quarto capítulo traz a análise dos dados a partir das coletas feitas com os instrumentos indicados na metodologia da pesquisa, onde incluímos algumas falas dos alunos e professora em relação ao projeto que temos como referencial. No quinto capítulo, realizamos considerações finais, retomamos nossas questões de pesquisa e apontamos possibilidades de desenvolvimento de estudos futuros.

2 A ESPECIFICIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

2.1 Funções da EJA

É controverso delimitar o momento de início da Educação de Adultos no Brasil. Freidrich et al (2010), afirma, a partir de Paiva (1973), que o histórico da EJA enquanto processo educativo vem se institucionalizando desde a educação jesuítica, que durou do século XVI a meados do século XVIII. Porém, é com a chegada da família real no Brasil, que surge a necessidade da formação de trabalhadores para atender a aristocracia portuguesa. Com isso, implanta-se o processo de escolarização de adultos, objetivando a formação de serviçais da corte que cumprissem as tarefas exigidas pelo Estado.

A Educação de Adultos, no contexto do século XIX e que seguirá por boa parte do século XX, se apresenta tendo como finalidade primordial a educação para o trabalho. Podemos, também, perceber que conforme a demanda de formação para o trabalho, se expande a necessidade à educação, pois, a educação neste contexto tem por finalidade o aprimoramento da mão de obra trabalhadora, e como esta é de fundamental importância para o crescimento e desenvolvimento do país, esta é considerada uma forma de poder. Assim a educação se fez necessária para que o cidadão pudesse exercer seus direitos, como o direito ao voto, que é considerado um “poder”, o poder de fazer escolhas, de ter suas opiniões e poder opinar sobre as mesmas.

Ainda conforme Friedrich et al (2010), com a criação do PNE (Plano Nacional da Educação) em 1934, a educação de jovens e adultos passa a ser um direito constitucional e um dever do Estado, pois o mesmo deve garantir educação primária gratuita para todos. Até este momento, não havia, propriamente, projetos sistemáticos para a educação de jovens e adultos. As ações públicas para a educação de adultos até esse período eram esparsas e pontuais, sobretudo

campanhas da “erradicação” do analfabetismo, tornada mazela social e fonte de boa parte de nosso “atraso” enquanto nação. Historicamente, a EJA era vista como medida compensatória, menos importante, o que “sobrava” do ensino fundamental.

Porém, durante o século XX, em função de conquistas de direitos, resultado de lutas de movimentos sociais que tiveram como personagens nomes como: Paulo Freire, Moacir de Góes, entre outros, a EJA, em contraposição a uma visão que a tinha ou como medida compensatória, e/ou favor do Estado e/ou mera “suplência” e/ou “aceleração” da escolaridade se torna uma modalidade própria da Educação Básica, a partir da Constituição de 1988. A partir do texto constitucional, todo o cidadão, independente da faixa etária, passa a ter direito à Educação.

Em uma história demarcada por avanços e retrocessos, um dos marcos regulatórios importantes neste contexto é o parecer CNE/CEB 05/2000, elaborado por Jamil Cury, sobre as diretrizes curriculares da EJA. Dentre as funções da EJA, destacam-se as funções reparadora, equalizadora e qualificadora.

A função **reparadora** tem por objetivo reparar o direito à Educação a todo e qualquer cidadão brasileiro. Tal reparação inicia-se já com o processo de alfabetização de jovens e adultos, a partir de um dimensionamento político do acesso à escrita. Ao mencionar tal como um instrumento e meio de poder na sociedade, quase que “naturalizada” por aqueles que a ela tem acesso, sobre aqueles que a ela não tiveram:

A incorporação dos códigos relativos à leitura e à escrita por parte dos alfabetizados e letrados, tornando-os quase que “naturais”, e o caráter comum da linguagem oral obscurece o quanto o acesso a estes bens representa um meio e instrumento de poder. (BRASIL, 2000, p.7)

Para democratizar o acesso à escrita e ao processo de escolarização, estabelece-se que todo o brasileiro. Inclusive os com mais de 15 anos que não finalizou o Ensino Fundamental e os com mais de 18 que não concluiu o Ensino Médio tem direito à Educação formal, sendo dever do Poder Público prover acesso condições do cidadão de permanecer neste processo formativo. Ademais, o parecer preconiza a qualidade da Educação a ser oferecida na EJA como forma de reparar a negação de um direito:

[...] significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano. Desta negação, evidente na história brasileira, resulta uma perda:

o acesso a um bem real, social e simbolicamente importante. (BRASIL, idem)

Assim, é de todos, independentemente de faixa etária, o direito à Educação, o acesso aos meios e instrumentos de poder, para a vida na sociedade como forma de reduzir sua gritante desigualdade. A preconizada igualdade de todos os cidadãos, no Parecer 05/2000, corporifica-se como a função **equalizadora** da EJA, que parte do seguinte princípio:

A equidade é a forma pela qual se distribuem os bens sociais de modo a garantir uma redistribuição e alocação em vista de mais igualdade, consideradas as situações específicas. (BRASIL, 2000, p.10).

Ao considerar as situações específicas, esbarra-se na desigualdade social flagrante no contexto brasileiro. Assim, exatamente em função de uma igualdade, é necessário considerar que

os desfavorecidos frente ao acesso e permanência na escola devem receber proporcionalmente maiores oportunidades que os outros. Por esta função, o indivíduo que teve sustada sua formação, qualquer tenha sido a razão, busca restabelecer sua trajetória escolar de modo a readquirir a oportunidade de um ponto igualitário no jogo conflitual da sociedade. (BRASIL, idem).

Podemos considerar a equidade, segundo Jamil Cury, como o direito à educação a todos. Porém, isso não quer dizer uma mera padronização do processo educativo em todos os contextos. Isso reproduziria o histórico de exclusão das populações jovens e adultas do processo educacional. A função equalizadora da EJA deve, para além das padronizações assimétricas, ser sensível aos contextos culturais e sociais de seus sujeitos, e promover o processo formativo a partir do diálogo com suas experiências de vida, especificidades e diversidades. Dessa forma, fomenta pessoas jovens e adultas a “retomar seu potencial, desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação extraescolar e na própria vida, possibilitar um nível técnico e profissional mais qualificado.” (BRASIL, idem).

Às funções, reparadora e equalizadora, o parecer 05/2000 agrega uma terceira função da EJA: **permanente ou qualificadora**, que diz respeito “a atualização de conhecimentos por toda a vida” (BRASIL, 2000, p. 11). Esta função seria o próprio sentido da EJA, tendo como base o caráter incompleto do ser humano. É um apelo para a educação permanente e a criação de uma solidariedade

usando o universalismo, solidariedade, igualdade e diversidade. Uma educação permanente que abranja as necessidades das sociedades modernas, onde os saberes se enriquecem por aprendermos durante toda a vida. No contexto da função qualificadora da EJA, projetos pedagógicos que promovam a autoria do educando seriam elementos importantes para o seu processo formativo, no sentido do desenvolvimento do potencial humano.

Na base da expressão potencial humano sempre esteve o poder se qualificar, se requalificar e descobrir novos campos de atuação como realização de si. Uma oportunidade pode ser a abertura para a emergência de um artista, de um intelectual ou da descoberta de uma vocação pessoal. A realização da pessoa não é um universo fechado e acabado. A função qualificadora, quando ativada, pode ser o caminho destas descobertas. (BRASIL, 2000, p. 11).

É no entorno do desenvolvimento do potencial humano que o presente estudo sobre a ludicidade na construção de fotonovelas na EJA gostaria de se pautar. Tal projeto pedagógico se alinha a outros, orientados pela construção coletiva e assunção de posições de autoria, em situações educativas que busquem propiciar a inventividade e o compartilhamento de aprendizagens igualmente cognitivas, éticas e estéticas. Tais projetos são mencionados pelo Parecer 05/2000 no bojo de uma política de qualidade do trabalho pedagógico na EJA.

Tais diretrizes assumem o ponto de vista do Parecer CEB nº 15/98 quanto a uma política de qualidade dentro dos projetos pedagógicos. Estes associam-se ao prazer de fazer bem feito e à insatisfação com o razoável, quando é possível realizar o bom, e com este, quando o ótimo é factível. Para essa concepção estética, o ensino de má qualidade é, em sua feiúra, uma agressão à sensibilidade e, por isso, será também antidemocrático e antiético. Neste sentido, a EJA não pode sucumbir ao imediatismo que sufoca a estética, comprime o lúdico e impede a inventividade. (BRASIL, 2000, p. 11).

Porém, há de se ter o cuidado de não confundir ludicidade com infantilização na Educação de Jovens e Adultos. Esta operação conceitual é empreitada complexa, e sua discussão em detalhe fugiria aos objetivos do presente trabalho. Ainda que este estudo aborde relações entre ludicidade e EJA no âmbito de uma aproximação inicial, busca-se já contribuir com elementos que permitam articular a ludicidade não com uma fase da vida específica: a infância, a qual é costumeiramente associada. Neste trabalho, busca-se articular a ludicidade à qualidade dos projetos pedagógicos voltados para pessoas jovens e adultas,

conforme o Parecer 05/2000. Neste sentido, as próximas seções visam trazer as especificidades do trabalho pedagógico na EJA, a questão da infantilização da EJA e uma revisão de literatura envolvendo a questão da ludicidade na Educação de Jovens e Adultos.

2.2 Especificidades da Educação de Jovens e Adultos

No esforço por compreender a especificidade das práticas desenvolvidas na Educação de Jovens e Adultos, Pinto (2010), em seu livro *Sete lições sobre Educação de Adultos*, traz contribuições importantes. A primeira delas é que o processo educativo é uma tarefa social total, nada estando isento a ele. Tal processo se caracteriza por sua permanência ao longo da vida, independente da faixa etária. Ele se dá de forma escolarizada e não escolarizada.

Sobre a forma escolarizada, é necessário considerar, no trabalho pedagógico, as diferentes dimensões das fases da vida em suas especificidades. Dois pontos seriam fundamentais neste contexto: (1) a inserção social e as experiências de vida pregressas, maior no jovem e adulto do que na criança, via de regra, remetem a considerações distintas destes aspectos no âmbito educacional para cada fase da vida.¹ (2) Um dos pontos em que mais se salienta esta inserção social e experiência das pessoas jovens e adultas diz respeito ao trabalho, pois “por sua constituição como ente racional, por sua consciência, [o homem] tem a capacidade de fazer algo mais, ou seja, trabalhar”. (PINTO, idem, p. 72).

Pela dimensão do trabalho, o autor afirma que o homem se difere do restante dos animais, que somente respondem a estímulos, pois é no trabalho que o homem pensa, se forma, transforma, constrói relações. A dimensão do trabalho, nestes termos, seria um vetor importante na formação das pessoas como cidadãos. Neste sentido, uma educação de jovens e adultos acaba sendo influenciada, direta e indiretamente, pelo contexto social no qual estes alunos estão inseridos, pois a

¹ A partir das considerações de Álvaro Vieira Pinto, cabe uma ressalva. Não se trata de dizer que as crianças não tenham riquezas experienciais a serem trabalhadas nas práticas pedagógicas, nem que os jovens e adultos a tenham em demasia. Não se trata de dizer que crianças não tem experiências prévias à escolarização e que somente jovens e adultos as possuam. A questão para o autor é que a dimensão das experiências de vida e os valores a elas atribuídos, pelos e pelas estudantes, tendem a ser distintos e a ter uma importância específica em cada fase da vida, e que tal especificidade deve ser levada em conta nas práticas pedagógicas.

sociedade, e seus processos educativos não escolarizados, é um vetor importante na constituição da experiência enquanto traço singular destas pessoas. Uma educação para jovens e adultos, no contexto escolar, deve considerar estes aspectos ao refletir sobre suas proposições.

Considerar, por exemplo, que tal sensibilidade ao contexto social é tanto para o bem, quanto para o mal, pois uma das imagens socialmente atribuídas às pessoas jovens e adultas é sua condição de “ignorantes”, de estar “em dívida” por não ter se escolarizado, “culpado” por não ter realizado um processo pretensamente dirigido somente “à infância”. Estes aspectos acabam contribuindo com o medo e a vergonha desta pessoa jovem e adulta, com o aumento da sensação de ser uma “anomalia”, por não ter estudado na época considerada “correta”, com a automarginalização do educando frente ao processo educativo, dizendo que este não foi feito para ele.

Em contraposição a esta dimensão fortemente dada pelo contexto social, o educador desta modalidade de ensino deve ter em mente que

[...]os indivíduos com os quais atua são homens normais e realmente cidadãos úteis. Tem de considerar o educando não como um ser marginalizado, um caso de anomalia social, mas, ao contrário, como um produto (...) da sociedade em que vive.” (PINTO, 2010, p.85-86).

Por essas dimensões assinaladas, Álvaro Vieira Pinto menciona outro desafio a Educação de Jovens e Adultos: suplantando a ideia de que, da mesma forma que se ensina crianças, se ensina a jovens e adultos, em termos de concepções e recursos didáticos, muitas vezes utilizados sem nenhuma modificação e/ou adaptação a esses contextos específicos. O autor alerta que não devemos reduzir o adulto à criança, nem o contrário. A educação deve partir daquilo que o discente já sabe, e não de sua ignorância, fazendo valer seus conhecimentos, em prol de algo maior.

Para podermos pensar em processos formativos voltados a jovens e adultos, deve-se respeitar suas subjetividades, pois esses detêm um riquíssimo histórico de vida prévio ao processo de escolarização, em função do trabalho, da família, da lida com os filhos, da ativa participação na sociedade. Nesse sentido, para que tenhamos êxito nestas práticas educativas, temos que respeitar o tempo e as singularidades dos sujeitos jovens e adultos que frequentam a sala de aula, já

cansados, após um longo dia de trabalho, diferentemente das crianças, que têm os estudos como atividade principal.

Desta forma, a metodologia de trabalho pedagógico na Educação de Jovens e Adultos deve considerar as especificidades de seus sujeitos, e não ser uma “cópia piorada” do ensino dado às crianças. Não se pode, em suma, infantilizar a Educação de Jovens e Adultos, tratando esses sujeitos como “crianças” no contexto das práticas pedagógicas.

Porém, a infantilização dos processos de ensino e aprendizagem é corrente e muitas vezes, inconsciente no âmbito educacional. Réus (2013) aponta para uma “materialização” dessa falsa igualdade de concepções e didáticas de ensino de crianças e adultos, na forma das “folhinhas” de atividades passadas durante as práticas pedagógicas em turmas de EJA. Podemos observar em inúmeras experiências exercidas nesta modalidade de ensino, a qual já está tão internalizada, que por vezes recaímos nas mesmas atividades (práticas) de ensino, não percebendo o equívoco cometido, por considerar estas, como algo normal, o que acreditamos ser um erro, pois imaginamos o esperado/adequado é tratar o sujeito como tal, e de tal forma que o mesmo se reconheça no contexto de determinado exercício.

Mas como pensar outras formas de ensinar e aprender com jovens e adultos? Como sair da dimensão da “infantilização” da pessoa jovem e adulta em processo de escolarização? Em nosso caso, como utilizar a dimensão do lúdico nesta modalidade de ensino, sem recair necessariamente em um processo que acabe por tratar o “adulto” como “criança”? Para aclarar a dimensão do lúdico na EJA, cabe rediscutir a própria noção de ludicidade, a ser detalhada nas próximas seções.

2.3 Ludicidade na EJA

Acreditamos na ludicidade como um elemento importante para a consecução de projetos pedagógicos voltados a pessoas jovens e adultas. É naturalizado pensar a ludicidade atrelada à “infância”, como elemento dinamizador da aprendizagem. Mas esta é uma dimensão culturalmente construída, como demonstra, por exemplo, Ariès (2011), ao narrar como as brincadeiras foram perdendo seu caráter ritual e coletivo ao longo da história

Existia uma relação estreita entre a cerimônia religiosa comunitária e a brincadeira que compunha seu rito essencial. Com o tempo, a brincadeira se libertou de seu simbolismo religioso e perdeu seu caráter comunitário, tornando-se ao mesmo tempo profana e individual. Neste processo, ela foi cada vez mais reservada às crianças, cujo repertório de brincadeiras surge então como o repositório de manifestações coletivas abandonadas pela sociedade dos adultos e dessacralizadas. (ARIËS, 2011. p.47).

Desta forma, não para uma retomada às origens, não por uma compensação, mas pela criação de um novo tempo de aprendizagens, consideramos que o elemento lúdico pode ser utilizado como estratégia em projetos pedagógicos, caracterizados pela dimensão coletiva e comunitária, não somente para crianças, mas para todas as fases da vida.

Huizinga (2000) aponta a ludicidade como algo maior do que simplesmente o ato de jogar. O autor afirma que o jogo existe há milênios, ultrapassando a esfera da vida humana, sendo observado também no comportamento animal. O jogo, neste caso, é mais que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ele vai além das necessidades da vida. Muitos estudos tentam dar algum sentido/significado, outros dizem que o jogo prepara o indivíduo para a vida, como impulso, escape. No entanto, todos estes estudos têm o jogo ligado a algo, sendo que ele se basta sozinho.

Huizinga (2000) nos diz que o jogo transcende tais explicações, bastando-se sozinho. A intensidade e o poder de fascinação por ele exercido, não podem ser explicados por análises biológicas. É nessa intensidade e fascinação que reside a essência e a característica principal do jogo. Podemos dizer que o jogo é uma “totalidade”, no moderno sentido da palavra, possuindo realidade autônoma, não é algo material, é irracional (domínio do espírito). Fator cultural da vida, podendo ser sério, o jogo não necessariamente está ligado ao cômico, ao riso, ao contrário, o jogo pode ser extremamente sério. Segundo Huizinga (2000):

O jogo é uma função da vida, mas não é passível de definição exata em termos lógicos, biológicos ou estéticos. O conceito de jogo deve permanecer distinto de todas as outras formas de pensamento através das quais exprimimos a estrutura da vida espiritual e social. (Huizinga, 2000, p.9)

Através deste estudo, percebemos o quanto o jogo está interligado na existência humana, sendo o mesmo, algo que promove, que traz sentido a algo, pois esta internalizado no humano. O fascínio, e a comoção exercida pelo jogo é algo

que transcende meras explicações. E partindo deste contexto podemos perceber o quanto o jogo está interligado na natureza humana, como seu constituinte.

Refletindo sobre as considerações em relação ao jogo no contexto educacional, se queremos uma educação com qualidade, que faça sentido, no qual o aluno seja o sujeito construtor do seu aprendizado, e o docente como um mediador deste processo, por que não trazer um constituinte da identidade humana para a sala de aula: a ludicidade. Fazendo deste, algo amplo, com significações nas quais os alunos se identifiquem e possam fazer/se sentir elementos fundamentais deste processo? Assim podemos também pensar em uma educação dinamizadora, formadora de pessoas pensantes que possam sair de uma zona de conforto e ir para a luta em busca de algo maior.

Galdino et al (2012), em trabalho sobre a ludicidade no âmbito da Educação de Jovens e Adultos, trazem apontamentos importantes para a abordagem sobre a atividade lúdica neste contexto:

“A ludicidade em si é um típico divertimento do ser humano, é uma atividade natural do sujeito que não implica compromissos, planejamento e seriedade, e sim envolve comportamentos espontâneos e geradores de prazer. A atividade lúdica está diretamente relacionada com a história de vida. É, antes de qualquer coisa, um estado de espírito e um saber que progressivamente vai se instalando na conduta do ser, devido ao seu modo de vida. A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. (GALDINO et al, 2012, p.18).

Neste trabalho de construção de fotonovela na EJA, deparamo-nos com um aspecto importante de ser levando em conta no âmbito das discussões da ludicidade, referente ao jogo simbólico, em específico. Ainda que não tenha sido tematizado de princípio, por se tratar de uma fotonovela, as respostas das participantes encaminham para o processo de composição das personagens como sendo “*um teatro*”. Perguntas constantes na prática de construção da fotonovela: *Que Maria quero ser nesta história? Como esta personagem está vestida/maquiada? Esta história acontece em que lugares, com que pessoas e o que as entrelaça?* Talvez já estivessem encaminhando a prática para a dimensão do jogo simbólico. Neste sentido, ainda que não tenhamos, do ponto de vista da prática pedagógica,

utilizado técnicas específicas do teatro do oprimido na construção da fotonovela, trazemos um apontamento de Augusto Boal (1997), sobre esse processo

“Representação do real, fazer teatro é viver, nós somos teatro. Todo mundo é teatro mesmo que não faça teatro, [...] ser teatro é ser humano, [...] é aquele que carrega em si o ator e o espectador de si mesmo, [...] eu estou coordenando o meu pensamento, eu sou o ator, mas eu sou o espectador de mim mesmo, o espectador privilegiado, por que eu sou também o escritor do meu texto, eu sou um dramaturgo, no momento em que eu to falando esta parte do diálogo que cabe a mim, sou eu que to compondo esta parte, então eu sou o meu autor, meu figurinista [...] e pra dirigir essa gente toda que sou, eu tenho que ser também o meu diretor. Então cada um de nós é tudo que existe dentro do teatro e a linguagem que a gente usa é a linguagem que o ator usa no palco, só que ele tem consciência de que está usando esta linguagem e nós na vida real não temos[...]”.(BOAL,1997).

Dessa maneira, o jogo simbólico esta internalizado em nós, no entanto não percebemos. Fazemos constantemente em toda a parte, o que se refere ao teatro e não nos damos conta. Somos várias pessoas ao longo do dia, que dirá de um ano inteiro. Somos nosso figurinista todo dia em que escolhemos que roupa é mais adequada para cada ocasião, ou se não temos opção de figurino adaptamos o mesmo, para que este fique de acordo com nós. Somos diretores: dirigimos nossa família, tentamos organizar a “cena” por diversas vezes, e por vezes não conseguimos acertar, no entanto quando acertamos aparece mesmo que timidamente aquele sorriso de satisfação. Tentamos dirigir nosso tempo, nossos filhos, famílias ou até mesmo nossa solidão, conforme Boal, “somos o teatro” e tudo que o compõe.

Assim, temos como proposição política e estética a possibilidade da ludicidade na educação de jovens e adultos como a recriação de um novo espaço-tempo do aprender. Um ensinar e aprender a fazer parte da constituição humana de estudantes e docentes. A partir dos apontamentos de Augusto Boal, podemos pensar no jogo simbólico como um elemento de *mediação* do ensinar e do aprender, coletivo e comunitário, podendo ser uma forma interessante de dimensionar as palavras já consagradas de Paulo Freire: "*Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo*".

2.3.1 Ludicidade na EJA: estudos realizados

Em busca de outras experiências que nos norteariam neste trabalho, observamos o quanto é difícil encontrar estudos sobre práticas envolvendo a ludicidade em turmas de EJA. São muito mais numerosos estudos sobre ludicidade voltados às crianças. A partir desta observação, nos questionamos: o adulto não brinca, por não ter direito ao brincar, ou porque de fato, acha que é perda de tempo ou coisa de criança e por isto não lhe é oferecido estas práticas?

Em 2006, foi feita uma pesquisa (sobre a ludicidade na EJA) em uma escola estadual na região do Amapá, com uma abordagem qualitativa. Foram realizadas entrevistas estruturadas com duas docentes e aplicados questionários fechados com vinte discentes. “Especificamente os questionários nos auxiliaram a perceber quais as perspectivas que os educandos têm a respeito da utilização do lúdico na sua formação escolar” (Oliveira, Rodrigues, Souza e Guimarães, 2006).

Tanto os alunos, quanto professores “compreendem que o lúdico torna as atividades escolares mais atrativas e descontraídas. Constatou-se também que as professoras reconhecem a possibilidade de estabelecer, com utilização dos jogos, uma ligação entre o que o aluno já sabe e aquilo que ele ainda precisa alcançar.”

Através do lúdico a “aprendizagem acontece de forma natural, com envolvimento e a participação ativa dos alunos, tornando a sala de aula um lugar onde se constrói conhecimento e não apenas se transfere informações.”

Apesar de todas estas especificidades, a pesquisa ainda nos traz que “apesar de todos os benefícios que a ludicidade trás para sala de aula, percebemos que as professoras ainda utilizam os jogos esporadicamente, em atividades eventuais, trabalhando geralmente jogos matemáticos, de montagem de letras, algumas construções e outros.” Apesar destas práticas serem destacadas como lúdicas, será que, de certa forma não é um equívoco? Pois podemos entender as mesmas como práticas infantilizadoras, tendo em vista que se trabalha com montagem de letras com crianças.

Assim, neste trabalho, também é posto que se têm uma melhoria na socialização dos alunos, que os discentes percebem o jogo como material pedagógico e não como perda de tempo. As aulas tornam-se mais dinâmicas e participativas, entre outros. No entanto, estas práticas em sala de aula são raras,

tem-se como uma das alternativas a formação continuada do educador da EJA, para que essa possa contribuir para uma melhor atuação em sala de aula, pois:

Possibilita um repensar de suas ações, para que através da troca de experiência com outros educadores ele seja capaz de melhorar a sua prática, afastando-se um pouco da rotina massacrante das aulas tradicionais e incorporando por meio da ludicidade a satisfação de compartilhar com o outro o saber. (Oliveira et al, 2006, p.6).

Outra pesquisa que aqui menciono, foi realizada durante uma semana de observação em uma escola municipal localizada em Irecê/BA, nas totalidades 1ª e 2ª, em uma turma da EJA, na qual os pesquisadores não presenciaram momentos que envolvessem a ludicidade, pois também achavam de fundamental importância este tipo de dinâmica, e durante a investigação constataram que nesta escola não havia o hábito de utilizar atividades lúdicas nesta modalidade de ensino.

O que podemos dizer que já é de senso comum, pois dificilmente encontramos estas práticas nesta modalidade de ensino, se já é difícil um docente de ensino fundamental, para crianças, inserir o lúdico nas suas práticas educativas, o que se pode então esperar para uma turma de pessoas que por vezes são (ex)incluídos na escola.

Concordamos com os autores desta pesquisa Galdino, Galdino* e Bastos, que nos trazem um pouco do sentimento com o qual entendemos que deve ser visto a Educação de Jovens e Adultos.

A aprendizagem escolar implica uma constante reorganização de experiências e a mesma ocorrerá significativamente quanto mais os professores forem capazes de aproximar o pensar do fazer e do sentir através do lúdico, atividade pela qual o ser humano aprende de modo integral. Isso porque esses sentidos estão presentes no momento em que brinca, interage com os demais pares. Dessa forma o educando aprende pensando, fazendo e sentindo. (Galdino et al, 2012, p.15).

Assim, podemos retomar os capítulos anteriores nos quais fazemos levantamentos nas questões abordadas nos trabalhos aqui apresentados: Como estabelecer estratégias de trabalho pedagógico envolvendo a ludicidade, de forma a que esta contribua na constituição da subjetividade do sujeito e em suas aprendizagens? Como pensar novas metodologias de ensino e aprendizagem que se encaminhem neste sentido? Para nos nortear nestas inquietações nesta investigação, utilizaremos como metodologia de pesquisa, a pesquisa participante (DEMO, 2008) e (BRANDÃO e BORGES,2007), registros feitos durante o estágio

docente (SOUZA et AL,2012) e entrevista semiestruturada com a professora regente da turma na qual foi realizado o trabalho referência para a pesquisa aqui apresentada. Apresentamos a metodologia, método e instrumentos de pesquisa no capítulo que se segue.

3 OBJETIVOS, QUESTÕES DE PESQUISA E METODOLOGIA

3.1 OBJETIVOS DO ESTUDO

3.1.1 OBJETIVO GERAL

É objetivo geral do trabalho:

Contribuir com a discussão sobre metodologias de ensino na EJA tendo a ludicidade como princípio orientador das práticas pedagógicas com jovens e adultos, no contexto específico de um projeto pedagógico envolvendo a construção de fotonovela

3.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos do trabalho são:

- Realizar revisões de literatura sobre a especificidade da EJA e a questão da ludicidade nesta modalidade de ensino.
- Apresentar e retomar a proposta de construção da fotonovela no contexto de uma pesquisa participante, valendo-se de registros do diário de classe e de entrevistas.
- Analisar as falas do grupo participante da pesquisa a respeito da experiência, enfatizando as aprendizagens mútuas de discentes e de docentes neste processo.

3.2 QUESTÃO NORTEADORA

Quais as aprendizagens dos alunos e docentes envolvidos em um trabalho pedagógico que se vale da ludicidade, mas que busca não recair na infantilização de um grupo de educandas na EJA?

3.3 Configuração do Estudo

O presente trabalho configura-se no registro de uma pesquisa participante. Vale-se de registros de projeto pedagógico desenvolvido com o grupo de alunas da EJA que estavam cursando as totalidades 1 e 2 (alfabetização e pós-alfabetização), no segundo semestre de 2013, durante a realização do estágio docente na EJA e a apreciação de seus efeitos em um momento posterior à realização do trabalho. Dessa forma, o estudo divide-se em dois momentos: o primeiro deles ocorrido durante o período estágio, a realização de construção de fotonovela a partir de obra literária escolhida para o projeto pedagógico da escola naquele momento. Para tanto, resgatam-se apontamentos do diário de classe e do relatório de estágio. O segundo realiza-se em momento posterior, já no primeiro semestre de 2014, na forma de uma entrevista semiestruturada, no qual fazemos alguns questionamentos ao grupo que realizou a experiência. Também foi realizada uma entrevista semiestruturada com a professora regente da turma durante o período de realização do estágio.

A pesquisa participante se caracteriza “pela experimentação da realidade, lançando mão de todas as técnicas de coleta, mensuração e manipulação de dados e fatos. [...] Seu grande valor é a produção de análises experimentalmente testadas.” (DEMO, p.36-37, 2008). O que podemos observar neste trabalho, o qual, tendo como referência uma experiência vivenciada no estágio docente, com pessoas de alguma forma excluídas da sociedade capitalista em que vivemos.

Com esta experiência, buscamos de alguma forma fazer com que estas pessoas fossem protagonistas das suas histórias, de suas aprendizagens, de suas buscas, de seus sonhos, etc. E dentro da temática aqui abordada, a pesquisa participante, parte desta ideologia, trazendo a realidade desta experiência significativa. Stewart Hall aponta que: “pesquisa participante é descrita de modo mais

comum como atividade integrada que combina investigação social, trabalho educacional e ação.” (HALL, 1981. apud. DEMO, 2008, p.93). Nesta pesquisa, pretendemos investigar os efeitos sobre os alunos e docentes participantes de uma experiência em sala de aula, a construção coletiva de uma fotonovela. Neste sentido, partilharmos do apontamento de Brandão e Borges, segundo o qual:

As abordagens de pesquisa de vocação participativa aspiram participar de processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber mais partilhado, mais abrangente, e mais sensível as às origens populares do conhecimento popular. (Brandão e Borges, 2007, p.57).

Em suma, esta configuração de pesquisa foi escolhida, por fazer parte de uma experiência de prática docente onde houve compartilhamento de saberes. Experiência na qual eu, como professora, ali incluída, percebia o progresso dos estudantes em um processo contínuo, ao mesmo tempo em que aprendia com eles. A partir desta configuração do estudo que foram delimitados os instrumentos de coleta de dados.

3.3.1 Registros Diário de Campo

O Diário de Campo é uma forma de registro de um determinado momento, na qual podemos retomar, a fim de, problematizar o que esta sendo feito, qual a postura diante das distintas situações vivenciadas. Segundo Souza et al, tal retomada: “pode propiciar a apresentação de questionamentos, interpretações e perspectivas que proporcionem a reflexão e a análise dos fatos vivenciados.” (SOUZA et al, 2012, p.205)

E é a partir da análise dos apontamentos feitos sobre o produzido, que podemos: refletir, pontuar e problematizar a aula em um todo. Consideramos importantes estas retomadas, para repensar a nossa postura em sala de aula, seja como ensinantes, seja como aprendizes.

3.3.2 Entrevista semiestruturada

Boni e Quaresma (2005) apontam que a entrevista semiestruturada é aquela em que há uma combinação de perguntas abertas e fechadas. Há um roteiro prévio,

mas o pesquisador se vale de uma sensibilidade ao contexto para inserir no roteiro inicial outras questões, em função das respostas dos alunos. O momento da entrevista semiestruturada guarda mais similaridade com a conversação ordinária do que em uma situação na qual a entrevista é estruturada, onde o roteiro de perguntas não permite. A entrevista semiestruturada permite uma melhor adequação tendo em vista o público participante da pesquisa, pessoas que ainda estão em processo de alfabetização: “outra vantagem diz respeito à dificuldade que muitas pessoas têm de responder por escrito. Nos dois tipos de entrevista [aberta e semi-estruturada] isso não gera nenhum problema, pode-se entrevistar pessoas que não sabem ler ou escrever”. (BONI, QUARESMA, 2005, p. 8).

3.4 Contexto da experiência

A experiência a que se propõe esta pesquisa ocorreu durante o estágio docente realizado em uma Escola Municipal, localizada no bairro Passo das Pedras, zona norte de Porto Alegre, no segundo semestre de 2013.

O bairro em questão é residencial. Nas suas proximidades existe um valão onde há vários casebres à sua margem, e é nesta margem que moram a maior parte dos alunos referidos nesta pesquisa.

A escola atende alunos de classes menos favorecidas economicamente, alguns destes sobrevivem em situações desumanas. A escola atende, além das pessoas que moram no bairro, outros que moram em bairros vizinhos, como: Jardim Leopoldina, Costa e Silva, Jardim Ingá, etc.

A rua em que a escola esta localizada é bastante movimentada, pois é a rua principal que dá acesso a todo o bairro. Perto da escola há um posto de saúde, uma igreja e alguns estabelecimentos comerciais, como: farmácia, ferragem, bares, pequenos mercados e bazares.

A sala de aula em que foi feito o estágio é bastante enfeitada, organizada, limpa e com boa iluminação, e durante o processo do trabalho que fora desenvolvido, buscamos inserir neste ambiente, características próprias para uma turma da EJA.

Comecei o estágio, sabendo que na turma haviam 21 alunos matriculados, e 12 alunos que frequentavam assiduamente, nove mulheres e três homens. Os três

homens, por motivos distintos, acabaram deixando de vir às aulas. Desta forma, o trabalho foi realizado pelas nove alunas mulheres. Elas foram as idealizadoras e construtoras do projeto de construção da fotonovela, conforme as próximas seções.

3.4.1 A construção da fotonovela

No decorrer do estágio obrigatório, surgiu uma demanda da escola, na qual seria necessário pensar em atividades voltadas para a obra de um autor, até então desconhecido pelo grupo docente: Marcelo Spalding. O mesmo iria visitar a instituição, mostrando sua vida e obra. Os discentes, por sua vez, deveriam apresentar-lhe trabalhos pensados a partir da obra do referido autor.

Durante uma das reuniões pedagógicas, da qual eu participava juntamente com os demais docentes, foi estipulado, através de conversa com toda a equipe docente, como ocorreria este trabalho: cada turma ficaria responsável por criar e desenvolver uma atividade diferente. Antes de iniciarmos qualquer planejamento, fomos buscar saber mais sobre o autor, suas obras, seu trabalho, para então apresentá-lo aos alunos, pensar na atividade que iríamos realizar.

Após esta pesquisa, durante a reunião de professores, pensamos alternativas para o desenvolvimento desta proposta, surgiram muitas ideias à cabeça. Primeiramente pensamos em fazer uma foto novela, contando o mini conto escolhido, porém o mini conto em questão trazia uma realidade a que já estamos acostumados a vivenciar diariamente: pessoas trabalhadoras, que recebem apenas um salário mínimo no final do mês. Assim sendo, buscando alternativas para o “problema”, e como o que buscávamos era que os alunos fossem protagonistas, chegamos à releitura do conto em questão.

Marias

Maria acorda, pega ônibus cheio, toma chuva, recebe ordens, lava passa esfrega limpa encera cozinha costura seca estende guarda arruma lava passa esfrega limpa encera cozinha costura seca estende guarda arruma lava passa esfrega limpa encera cozinha costura seca estende guarda arruma lava passa esfrega limpa encera cozinha costura seca estende guarda arruma.

Nós pagamos um salário *mínimo*.

Quadro 1: SPALDING, Marcelo. **Marias**. Miniconto referencia para o trabalho com fotonovelas. Conteúdo disponível na WEB: <http://www.marcelospalding.com/minicontos/?pg=2577>

Para iniciar o trabalho em sala de aula, primeiramente fizemos a leitura do referido conto, propomos uma discussão sobre a obra: Que Maria é esta, a quem o autor se refere? Problematizando as Marias descritas no texto, fazendo assim, uma análise crítica em relação a esta. Relacionamos então as mesmas, com a música “Mulher Sexo Frágil” do Erasmo Carlos e “Maria, Maria” do Milton Nascimento (Anexos). Segundo Soletti, 2013, o uso da música em sala de aula, possibilita

“o bom andamento das aulas, de forma prazerosa, instigante e desafiadora, desenvolvendo assim o conhecimento e ao mesmo tempo mostrando o caminho para o aluno trilhar e se tornar um ser humano crítico, capaz de expor suas idéias e respeitar a dos outros. (Soletti,2013,p.52)

Todas estas letras de música, tendo como referência uma mulher forte, guerreira, trabalhadora, que não tem medo de ir à luta, em busca de seus ideais. Durante a discussão foram feitos diversos levantamentos, todos os alunos participaram do debate fazendo suas considerações em torno da temática abordada. Fizemos também relação com o trabalho de uma diarista. Algumas das considerações estão dispostas no quadro a seguir:

“A Maria do texto só trabalha e ganha uma “mixaria”, e a música utilizada para fazer o trabalho em questão é uma mulher guerreira, que luta sempre e tem fé na vida. Uma Maria que pode ser tudo que quiser.”

“Hoje em dia uma diarista pode ganhar mais do que um professor que tem estudo, pois estão cobrando em torno de R\$100, 00, a diária, e estas trabalhadoras costumam ter a semana “cheia”. Tem muita procura para este tipo de serviço.”

Palavras e Expressões Importantes:

- * Ri quando deve chorar – “Faz de conta que está feliz.”
- * Força – “Ir para frente, não olhar para trás.”
- * Garra – “Ter vontade, superar tudo...”
- * Sonho – “Sem um sonho a gente não vive.” “Sempre devemos ter esperança e fé.”
- * Que traz no corpo a marca – “Pessoa que sofreu muito durante a vida, assim como nós, e foi conquistando coisas boas, mas a tristeza deixa mais marcas que a alegria.”
- * Fé na vida – “Acreditar em tudo que a gente faz, acreditar em Deus.”

* Para ser feliz é preciso – “Ter manha, ter raça, ter sonho sempre.”

Quadro 2 - Considerações feitas durante discussão em sala de aula, em torno da temática trabalhada.

Analisando a discussão coletiva realizada, é importante refletir o papel que estas mulheres exercem na sociedade em que estão inseridas, na qual trabalham fora, cuidam dos filhos, da casa e de suas famílias. No entanto, estes tantos trabalhos exercidos por estas não são levados em consideração, nem visto como algo importante, e sim como algo de menor valor, que não passa de uma obrigação da mulher, já que a mesma sempre foi vista como o sexo inferior perante a sociedade machista.

Hoje a mulher ocupa diferentes funções na sociedade, até em serviços que há pouco tempo eram vistos como trabalho de homem, como: pedreiro, cargos de liderança, entre outros, e exerce estas funções com tanta, ou maior qualidade e competência que o sexo oposto. Além de exercerem tantas tarefas, fazem o possível para não perderem a feminilidade, tentando sempre estar “bonita”, e também não podem estar cansadas, pois na visão da sociedade machista apesar de todas as funções que a mulher exerce, ela ainda não faz nada e esta cansada do que?

Buscamos em MACÊDO (2003) a qual em seu estudo nos traz um histórico do papel da mulher na sociedade, no qual ela nos traz que:

Em virtude de um grande número de homens terem ido para a guerra, as mulheres assumiram papéis até então exclusivamente masculinos, tais como: chefes de família, operárias de fábricas de munição, dentre outros. Com o fim da guerra, a mulher se viu obrigada a retomar suas atividades anteriores. É importante ressaltar que, com a ausência do homem em decorrência da guerra, a mobilização da mulher para o trabalho fora do lar não aconteceu sem conflitos ou de forma amena dentro da sociedade. (MACÊDO, p.26, 2003)

Sendo assim, podemos perceber que a mulher sempre lutou bravamente por seus direitos. Muitas coisas mudaram ao longo da história, mas tudo isto só aconteceu através de muitas lutas, conflitos, da mobilização das mulheres em prol dos seus direitos.

Podemos através das falas das alunas (Quadro 2) que estas mulheres participantes são algumas entre estas muitas mulheres que sonham e lutam por seus direitos, objetivos, e por isto que estas retornam a escola após um histórico de vida, em que não tiveram a oportunidade de fazê-lo. Enfrentando conflitos e lutas

diárias, por vezes consigo próprias, pelo preconceito que estas sofrem até por seus familiares mais próximos, que acham uma perda de tempo, estas estarem fazendo algo que as façam ir em “busca” daquilo que elas almejam.

Por conseguinte, retornando ao relato da construção da fotonovela, após discussão, os alunos deveriam produzir um mini conto, fazendo uma releitura do mesmo, este processo ocorre também como elemento pedagógico para aprendizagem da língua escrita. Assim sendo, ao invés de “Marias”, agora “Maria dos meus sonhos”. Dando continuidade os alunos fizeram a leitura de suas produções, a partir destas deveriam ressaltar os adjetivos encontrados na “Maria dos Sonhos”, para que pudessem personificar estes personagens.

A partir desta atividade, surgiu a ideia de darmos vida a estas “Marias”, protagonistas da sua história, para isto pensamos em fazer uma foto novela. O processo teve como princípio orientador expressar os sonhos de cada uma através da composição das personagens. A proposta foi: *“Que Maria você quer ser? Como ela seria? Quais as suas características? Como ela se vestiria? Que outros elementos comporiam os personagens nesta fotonovela?”*

Apresentamos a ideia para os discentes, que se mostraram animadas com a proposta. Para isto, cada aluno, por sua vez, construiu um personagem, dando a ele elementos que pudessem caracterizá-lo.

Assim surgiram as “Marias”: parteira, professora, nutricionista, obstetra, delegada, enfermeira, secretária, Maria Chiquinha, entre tantas outras, mulheres guerreiras, fortes, que lutam para alcançar seus objetivos. Apesar de não terem tido oportunidades na vida, elas ainda lutam, sonham, riem, choram, brincam de ser felizes, apesar de muitas vezes não serem. A descrição das participantes da pesquisa é a que segue no quadro abaixo. Os nomes das pesquisadas foram substituídos pelos personagens por elas idealizados na construção da fotonovela:

Maria Delegada	Simpática e amiga de todos, tem 59 anos, nasceu no dia 16 de outubro, natural de São Francisco. Têm 1 filho, é viúva, moradora do bairro Jardim Leopoldina, mora sozinha, trabalha como cuidadora de idosos e diz que o que mais gosta de fazer é dormir. Sua comida preferida é Inhoque e Yaksoba.
Maria Dentista	Não falou a idade, mas nasceu em 4 de abril. Natural de Santa Rosa, é casada, dona de casa, tem três filhos, os quais todos moram com ela e o marido. Moradora do bairro Passo das Pedras, diz que o que mais gosta de fazer é estudar. Sua comida preferida é arroz e salada.

Maria Enfermeira	Melhor amiga da Maria Delegada, as duas estão sempre juntas, auxiliando uma a outra conforme necessidade. Tem 54 anos, nasceu no dia 8 de novembro, natural de Santa Catarina, é casada tem 2 filhos, dos quais apenas um mora com ela, este também aluno da EJA, está no 7º ano, o outro filho já é casado e tem sua independência, mora também com ela, sua mãe, que tem 88 anos. Moradora do Jardim Planalto, diarista, diz que seu maior sonho é aprender a ler. Sua comida preferida é arroz, feijão e batata frita.
Maria Nutricionista	Tem 50 anos, natural de Frederico Westphalen, é doceira, casada, não tem filhos, mora apenas com o marido. Diz que o que mais gosta de fazer é estudar e trabalhar, e seu sonho é estudar nutrição. Sua comida preferida é arroz, feijão e ovo frito. Volta à escola para aprender a ler escrever, pois seu sonho é realizar um curso de nutrição.
Maria Obstetra	Sempre alegre e saltitante, anda triste ultimamente, pois sua mãe está com aneurisma, intubada no hospital. Fez promessa de parar de fumar, caso sua mãe melhore, mas não conseguiu cumprir e então pediu perdão para Deus. Ela tem 43 anos, é casada, têm seis filhos, todos moram com ela. Trabalha como auxiliar de serviços gerais, nascida e moradora de Porto Alegre, bairro Passo das Pedras, sua comida preferida é arroz com galinha. Diz que o que mais gosta de fazer é estudar com a professora.
Maria Parteira	Dona de casa, solteira, 42 anos, tem dois filhos que moram com ela, naturais de Santa Maria, de onde conta muitas histórias e fala sobre seu pai. É quieta, diz que já foi internada no Hospital Espírita (não entrei em detalhes). Moradora do bairro Passo das Pedras. Diz adorar passear e sua comida preferida é massa com galinha.
Suzana Vieira	Esta sempre diz que não sabe do que gosta, para tudo que lhe é oferecido, mas é muito querida com todos. Diz que dois dos seus oito filhos estão internados com problemas psicológicos, no Hospital Espírita. Tem 63 anos, mora com dois filhos no bairro Jardim dos Coqueiros. Relata, conforme registrado em diário de campo, ter sido a primeira vez que utilizou salto alto na vida.
Chiquinha	Tem 45 anos, não tem filhos, mora com o marido, natural de Porto Alegre, moradora do bairro Jardim dos Coqueiros. Diz gostar de dormir, descansar, e seu sonho é andar de avião.
Maria Professora	Pelo que fiquei sabendo, ela vive na encosta de um valão, sozinha, no bairro Passo das Pedras, em uma casa construída com material reciclado. Foge da sala de aula para fumar, tem problemas mentais, por vezes é difícil compreender o que ela fala, ela não escreve, mas copia tudo que lhe é fornecido. Algumas vezes aparece com problemas de saúde em função da falta de saneamento básico no local em que mora.

A partir dos personagens, foi construída uma narrativa coletiva na forma de roteiro, na qual todos os personagens foram inseridos no contexto da história (anexo 1). Após a construção do roteiro, cada personagem ficou responsável de trazer elementos que compunham estes, para assim poder dar vida aos mesmos. No dia

marcado cada um trouxe sua contribuição para a efetivação do trabalho. Foi muito divertida esta construção, pois havia alunos que nunca tinham colocado determinados acessórios, e o fizeram, tornando a aula cheia de significações, para cada um que ali estava. No entanto ainda faltava colocar o roteiro feito coletivamente na sala de aula, em prática.

Para isto utilizamos o pátio da escola e seus arredores, para que estes servissem de cenário para a obra que estava sendo realizada. Subimos e descemos escadas, utilizamos carros que estavam passando na rua, organizamos os diferentes espaços, para que os mesmos se tornassem: hospital, consultório dentário e escola; construímos um bebê de panos encontrados na biblioteca. E conforme organizávamos a cena, tirávamos fotos, a fim de montar nossa foto novela.

Ao retornarmos à sala de aula, nos despimos dos personagens, felizes com o dever cumprido.

As fotos tiradas foram impressas, e ao longo das aulas, fomos montando um cartaz com folhas de cartolina, a história escrita e contada coletivamente pela turma, esta que iríamos apresentar para o autor em sua visita à escola.

Como o trabalho, pela nossa percepção, havia ficado bom, pensamos em dar uma vida mais independente para nossa história. Propusemos aos alunos um *movie maker*, programa de edição de vídeos da Microsoft. Os alunos estranharam, não sabiam o que era “aquilo”. Explicamos então do que se tratava, utilizando um trabalho feito por mim, na disciplina de teatro e educação. Os discentes, após verem que era um filme montagem com fotos, acharam a ideia ótima, então o fizemos. Os atores, agora, ao se depararem com o trabalho concluído, não sabiam se sorriam ou choravam de emoção. Percebi naqueles instantes que era um trabalho cheio de significados para todos que o fizeram.

Este vídeo foi postado no youtube, para que todos tivessem acesso: <http://www.youtube.com/watch?v=ENhrVrjG1gA>. Assim, os discentes, autores e atores da fotonovela, foram na informática, a fim de, aprender como visualizá-lo, para mostrar às suas famílias, com o orgulho de que são capazes e estão no caminho em busca de seus objetivos, agora eles eram protagonistas de um filme. Nos dias que se seguiram os alunos ficaram extasiados, trazendo a notícia que reuniram a família para ver o filme produzido por eles.

Enfim, a turma estava ansiosa com a visita do autor da história, que inspirou o trabalho. A escola se reuniu no refeitório que estava coberto pelos trabalhos feitos

para a chegada da ilustre visita. Alguns parentes das participantes desta pesquisa estiveram presentes neste momento. Cada turma, por sua vez, apresentou o trabalho que havia feito. A nossa turma foi chamada a frente e aplaudida de pé, deixando os alunos envaidecidos com o reconhecimento, que talvez nunca tenham tido na vida.

A partir desta prática surgiram os questionamentos em relação às práticas realizadas em sala de aula, se podemos oferecer algo com qualidade, por que infantilizamos pessoas que a vida ensinou, que sabem muito, sobre muitas coisas. Por que não aproveitar estes saberes, fazer os alunos darem suas opiniões e levar isto em conta. Qual é o nosso dever social como educadores? É um questionamento a ser pensado.

4 ANÁLISE DE DADOS

4.1 Fotonovela “Maria Esperança”: o que os alunos têm a dizer?

Pensando sobre todas estas questões, voltei à escola, cinco meses depois, para tentar conversar com os participantes da pesquisa acerca dos aprendizados que permaneceram do projeto de elaboração da fotonovela, construído durante o período de estágio.

Em uma segunda-feira à noite, dia 05 Maio de 2014, voltei à escola, onde fui recepcionada pela coordenadora pedagógica da EJA, e pela professora regente da turma, em que realizei o estágio, esta já sabia da minha ida à escola e já havia avisado aos alunos que eles receberiam uma “visita especial”. Após conversarmos brevemente, expliquei a elas o motivo da visita. Sem maiores problemas, a coordenadora pedagógica autorizou a minha entrada naquele espaço.

Para retomar com os alunos a atividade da foto novela, levei para revermos o vídeo feito pela turma, assim como o cartaz que deu origem ao vídeo. Ao chegar à sala de aula, fui recepcionada pelos alunos que vieram ao meu encontro com abraços e novidades para contar. Eles também estavam curiosos e queriam saber qual o motivo da minha visita.

Expliquei a eles que se tratava de meu projeto de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), que eu estava me formando na universidade e contei brevemente sobre a temática que pretendia abordar em meu trabalho, “A questão da ludicidade na EJA”. Falei que gostaria de retomar com eles a fotonovela a fim de discutirmos os aprendizados que eles haviam absorvido através daquela experiência.

Assistimos ao vídeo novamente, e depois convidei a todos para que se levantassem para observar novamente o cartaz que havíamos produzido. Depois de

observarmos novamente o cartaz, expliquei que faria a eles alguns questionamentos que iriam compor parte de meu trabalho de conclusão de curso.

Entre as respostas para os questionamentos realizados, algo que ficou muito evidente nas falas dos alunos foi o orgulho deles em terem realizado esta atividade, o quanto acharam bom e gostariam de fazer outros tipos de trabalho com uma dinâmica semelhante. Quando questionados a respeito da infantilização em relação ao trabalho realizado, falaram que não sentiram em momento algum fazendo algo que os infantilizassem, ao contrário se sentiram como artistas.

4.2 “É um teatro, né?": apontamentos sobre a constituição das personagens

“Bom, ficou ótimo, porque a gente não tinha percebido bem assim, né. Quando a gente assistiu agora, nos revendo de novo a gente pensou assim: como a gente tem capacidade de fazer alguma coisa além daquilo que a gente estuda, que é um teatro, um tipo de um teatro, uma coisa diferente, foi ótimo para nós [...]”.

“Eu mostrei para minha filha, ela achou muito interessante, que além da gente aprender a ler e a escrever, a gente também faz algo diferente na sala de aula, que é um teatro, né.”

Quadro 3 - Maria Enfermeira, aluna da T1 e T2, participante do projeto “Maria Esperança”

Podemos analisar no relato desta aluna, um pouco do sentimento dito por Augusto Boal, no qual ele nos traz que somos “teatro”, que exercemos esta função constantemente, e a importância do jogo simbólico para discussão dos papéis da mulher na sociedade, as quais por inúmeros motivos são postas em funções e posições que não são de fato aquilo que elas sonharam/pensaram como objetivos de vida, assim como discutido anteriormente. E que saindo do lugar de apenas “cumpridora de tarefas”, de telespectadora da sua vida, o teatro proporciona de alguma forma a inversão destes papéis, nos quais elas passam a ser as autoras e protagonistas de sua história.

Podemos verificar isto também nos motivos que trouxeram estas alunas novamente para a sala de aula. Analisando o diário de classe, temos como

depoimento da “Maria Nutricionista”, que a mesma trabalha em um restaurante conhecido na cidade, na qual exerce a função de cozinheira, e com o intuito de fazer um curso de nutricionista, profissão a qual sempre teve como um sonho a ser realizado, retorna a escola para que possa enfim concretizá-lo.

Também temos o relato da “Maria Enfermeira”. A qual sempre sonhou em exercer a profissão dita no sobrenome do personagem, por ela idealizado, enfermeira. No entanto pelas circunstâncias da vida, ela sempre trabalhou em casas de família, não podendo dar continuidade a seus estudos, para que de fato exercesse a profissão sonhada. Pode-se dizer, através do relato contido no diário de classe, que a mesma não tem mais esperanças de concretizar este sonho, porém retorna a sala de aula com o objetivo de ler o jornal, a revista, entre outros. E pelo relato dado pela mesma, contido no quadro 5, podemos observar que esta já está conseguindo ler. Desta forma, dando um início à concretude de seus sonhos.

Assim temos algumas “Marias”, personagens da história, que conforme Boal, são autoras, figurinistas, protagonistas de suas histórias, de seus sonhos e ideais.

Vale refletir também, o sobrenome das personagens, evidenciando a dimensão do trabalho como um item de delimitação dos traços identitários. Álvaro Vieira Pinto, mencionado em momento anterior deste escrito, já salienta a dimensão do trabalho como constituinte da subjetividade do sujeito jovem e adulto. A escolha do sobrenome traz indícios dessa dimensão. Também pode ser pensado como uma produção do grupo a partir dos disparadores da construção da fotonovela: o mini conto “Maria”, do Marcelo Spalding e a música “Maria, Maria”, de Milton Nascimento e Fernando Brant.

4.3 O professor e uma plateia: a ampliação da audiência na apreciação do trabalho pedagógico

Outro aspecto diz respeito à ampliação do público assistente a uma atividade pedagógica. Normalmente, os trabalhos escolares são elaborados pelos alunos, e vistos pelo professor. Neste caso, conforme mencionado no contexto da experiência, o público, além do corpo docente da instituição, tinha como plateia seus amigos, familiares, gestão escolar, professores e o autor do miniconto estudado, que por eles era considerado alguém superior, famoso. Isto deve ser levado em

consideração, pois se até o escritor de livros, reconheceu o trabalho elogiosamente, é por que esta ampliação do público traz elementos importantes para pensarmos que atividades como esta impactam na sua autoimagem, bem como na imagem que seus familiares e comunidade escolar fazem dos mesmos. Conforme dito por Maria Enfermeira, que mostrou o trabalho para sua filha e este também é reiterado por Maria Delegada, nas quais podemos observar que os familiares das alunas em questão as vêem como outra pessoa, neste caso uma artista.

“Faz parte das aulas, do aprendizado. Nunca fizemos este tipo de trabalho, é a primeira vez.”

“Mostrei para meu filho, ele ria. Minha mãe é uma artista.”

Quadro 4 - Maria Delegada, aluna da T1 e T2, participante do projeto “Maria Esperança”

Podemos observar através destas falas a significância do trabalho realizado, onde mesmo que de uma forma lúdica os sujeitos aprendem, se constituem, fazem relações, etc... E que apesar de toda a importância que pode ter este tipo de estratégias em sala de aula, as mesmas acabam não sendo utilizadas. Ao invés disto os professores ainda insistem nas práticas das “folhinhas”, conforme mencionado anteriormente, na qual trazemos o estudo de Réus, falando da infantilização das práticas pedagógicas em turmas de Jovens e Adultos, as quais não apresentam um significado, e nem servem como estímulo para que estes continuem nas escolas, pelo contrario, isto traz como resultado um abandono, uma falta de interesse por parte destes trabalhadores, que estão ali por inúmeros motivos, mas que acabam desistindo por falta de estímulo.

4.4 Sobre as aprendizagens

“Que a gente tem capacidade de fazer tudo aquilo que a gente pensa fazer[...]”

“Eu tenho uma novidade pra te contar, já to conseguindo ler, tu disse que nunca era pra gente desistir.”

Quadro 5 - Maria Enfermeira, aluna da T1 e T2, participante do projeto “Maria Esperança

Para finalizar a análise aqui proposta, podemos através das falas desta aluna, concluir que o uso do jogo simbólico na sala de aula, como estratégia de ensino, é algo válido, e não uma perda de tempo, além de fazer da aula um lugar cheio de significados, ele pode ser utilizado como recurso para a aprendizagem da língua escrita e também para a leitura, pois esta estratégia de trabalho nos possibilitou trabalhar o letramento de forma lúdica, não como algo maçante. Aprendíamos sem nos dar conta de que tudo que estava sendo realizado eram atividades com esta finalidade: aprender a ler, escrever, e por que não, aprender matemática, pois com as “Marias” também fizemos contas.

Concluindo, acho importante trazer o relato da professora regente da turma participante do projeto das “Marias”, em relação ao trabalho realizado, para que tenhamos assim, o depoimento de ambos os lados, docentes e discentes, pois todos (professoras-alunos) aprendemos e trocamos experiências, sendo um trabalho significativo para ambas as partes, conforme relato abaixo (quadro 6).

Este trabalho foi um sucesso tão grande que tem sido usado agora como incentivo para as outras turmas. Os alunos que participaram dão depoimentos e querem fazer outros trabalhos parecidos. Tenho certeza que os momentos que viveram na realização da atividade serão inesquecíveis para nossos alunos, pois além da autoestima, o trabalho possibilitou que, por um momento, eles fossem o que eles queriam ser, foi um sonho realizado... O ser professora, nutricionista, dentista, etc.

Quadro 6 - Entrevista e respostas: Professora regente da turma T1 e T2, durante o estágio obrigatório do 7º semestre.

4.5 Fotonovela “Maria Esperança”: o que a professora-pesquisadora-estagiária-formanda tem a dizer?

Ao longo do curso de pedagogia tentei compreender, o que de fato, era ser um professor e por que desde a minha infância sonhava com esta profissão, apesar das dificuldades.

Encontrei diversas definições para esta palavra, mas me detenho ao “ser professor”, como aquele que orienta o aluno no processo de aprendizagem, e através desta, ocorre uma simultânea troca de saberes. Importante ressaltar que tal orientação tem como objetivo mediar esta troca de aprendizados, e não impô-los. Como Paulo Freire dizia “Não há docência sem discência”, ou seja, um precisa do outro para ser e exercer de fato, sua função.

Através da presente pesquisa e análise de dados, verifica-se o trabalho do professor como sendo um trabalho social, voltado para as pessoas, no qual lidamos com os sonhos e singularidades de cada um. Trabalhar em uma turma de EJA, me fez refletir sobre isto. Penso minha prática, durante o estágio docente concordando com Paulo Freire:

É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido. (Freire, 2009, p.142).

Sendo assim, ser professor, não é só transmitir a “decoreba” de sempre, achando o “máximo” e pensando que todos compartilham a mesma opinião. Aprendi que trazer materiais, proporcionar momentos de discussão e pedir que os alunos escrevam sobre a opinião deles, sobre o que foi falado, buscando ajudar um aluno, tenha mais sentido, do que enche-los de coisas “diferentes”. Nesta perspectiva, concordo com Paulo Freire, que nos diz:

Essa abertura ao querer bem não significa, na verdade, que porque professor me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressa-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de automaticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. (Freire, 1996, p.52)

Ver sorrisos em rostos tristes, palavras em bocas fechadas, ver mudança de atitudes, ver pessoas tendo esperança, sonhando, mesmo que os outros não as apoiem, dizendo que as mesmas não têm voz, nem vez. Fazer estas pessoas

acreditarem que tudo é possível, mesmo que nem sempre. Mas sonhar é bom, pois sonhando se têm objetivos, e com estes as pessoas lutam.

E por estes e tantos outros motivos, que as práticas em sala de aula devem ser repensadas e qualificadas, devendo ser significativas para todos: alunos-professor, pois todos fazem parte deste processo. O trabalho do professor de jovens e adultos envolve os sonhos destas pessoas, que devem ser respeitadas em suas subjetividades. O professor, por sua vez, se escolheu tal profissão é porque também está em busca de algo, que seja, quem sabe, ver o sorriso em um rosto, por vezes, nem tão feliz.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste último capítulo trago minhas considerações e apontamentos finais da pesquisa, a qual teve como questionamento norteador o seguinte questionamento:

Quais as aprendizagens dos alunos e da docente em um trabalho pedagógico desta natureza, que se vale da ludicidade, mas que busca não recair na infantilização de um grupo de educandas na EJA?

Assim, o presente estudo teve início a partir de uma inquietação minha em relação às práticas exercidas em sala de aula com os alunos da EJA. Desde minha infância sempre acreditei que a sala de aula deveria ser um lugar “mágico”, pois é o lugar onde aprendemos o essencial para nos comunicarmos com o mundo, em suas diferentes formas de expressão e assim nos desenvolvermos como sujeitos pertencentes ao mesmo.

Tendo isso em mente, em meu primeiro contato com a educação de jovens e adultos, fiquei impactada ao constatar uma realidade oposta àquilo que eu acreditava. Ao invés de um lugar favorecedor ao aprendizado, com as ferramentas adequadas para aquela modalidade de ensino, me deparei com uma situação completamente oposta, a qual é resultado de um processo histórico de descaso para com a EJA, conforme discutido anteriormente nesta pesquisa.

Em frente a essa situação, durante meu estágio docente obrigatório do sétimo semestre, senti a necessidade de colocar em prática o que acredito ser a melhor estratégia para alcançar uma educação com qualidade, significativa, visando sempre um ambiente prazeroso e favorável ao aprendizado.

Para atingir esse objetivo, me vali da ludicidade como método, pois acredito que, e tendo como referência Huizinga, que o “Lúdico” está presente em nossas vidas desde os primórdios da humanidade, e que seu fascínio e comoção é algo que transcende meras explicações, assim sendo, percebemos o quanto o jogo está interligado na natureza humana, como seu constituinte. A ludicidade torna-se então,

uma ferramenta auxiliadora na tarefa de proporcionar uma educação dinamizadora. E através desta, proporcionar ao aluno ser protagonista do seu próprio aprendizado.

Trazendo essa proposta, desenvolvemos com a turma o trabalho referência para esta pesquisa, na qual também trouxemos como referência o Autor Augusto Boal, que se refere a nós como sendo o “teatro”, pois compomos tudo que é o teatro, suas funções, mas não percebemos, ao contrário do profissional da área, que exerce a mesma função, no entanto tem a consciência do que está fazendo. A partir do estudo apresentado, da análise dos dados obtidos através do diário de campo, entrevistas semiestruturadas com as participantes da pesquisa e com professora titular da turma, buscamos responder ao questionamento inicial do presente estudo.

Pela análise aqui apresentada, podemos perceber que o trabalho teve impotência, tanto para os alunos quanto para os professores participantes do projeto. Os professores por terem aprendido o quanto podem trazer dinâmicas significativas para a sala de aula, os alunos por sua vez, por poderem expressar seus sonhos, suas vontades, por poderem ser aquilo que de fato eles querem ser, e não aquilo que lhes é imposto pela vida e ainda poderem aprender, atingindo assim os seus objetivos.

Podemos concluir esta pesquisa acreditando que é possível a realização de atividades lúdicas com turmas de EJA, sem recair na infantilização, e que a estratégia aqui apresentada, pode ser um bom recurso a ser utilizado em sala de aula, desde que se leve em consideração o contexto no qual está inserido o aluno, suas potencialidades e subjetividades. Para podermos levar à sala de aula um trabalho de qualidade, onde haja essa consideração, é necessário que o aluno esteja presente e envolvido na elaboração das atividades, e que estas não sejam impostas a tais, mas sim, desenvolvidas juntos com os discentes. Acredito que só assim teremos um ensino adequado e de qualidade, respeitando a cada um como sujeito ativo e construtor do próprio aprendizado.

Deste modo, podemos buscar, através destas práticas, possibilitar aos alunos a assumirem uma perspectiva mais positiva perante a vida, mudando conceitos e atitudes para que estas se tornem mais humanas, e assim possam modificar o “seu” mundo. Concordando com o que diz Freire:

Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha; que constata, que compara, avalia, valora, que decide, que rompe. (Freire, 1996, p.10)

Temos o dever de como futuros educadores, fazer valer a nossa presença, abrindo uma porta de horizontes, mostrando diferentes caminhos a serem trilhados. Tendo uma visão abrangente do mundo, tendo a visão do outro como subsídio do nosso trabalho, saindo da rotina a qual todos já estão acostumados e cansados. É um trabalho árduo, mas compensador, se conseguirmos fazer uma pequena diferença, todo o esforço empenhado terá sido válido.

REFERÊNCIAS

ARIÈS. Phillipe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC. 2011. 2ª ed.

BOAL, AUGUSTO. **Entrevista 1º PARTE**. 07 ABR. 2009. Entrevista para o programa Encontro Marcado com a Arte. Vídeo em meio eletrônico (8min). Disponível Em: < <http://youtu.be/03kL8Ghlpw> > Acesso em: 20 Jun. 2014

BONI, Valdete; QUARESMA. Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: **Em Tese**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Documento disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/aprendendo_a_entrevistar_como_fazer_entrevistas_em_ciencias_sociais.pdf>. Acesso em 20.jun.2014

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. **A pesquisa participante: um momento da educação popular**. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007.

DEMO, Pedro. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. 2 ed. Brasília: Liber Livros, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a pratica educativa**. 25ªed. São Paulo:Paz e Terra, 1996.

GALDINO, Albaneide; GALDINO, Sirleide. A ludicidade como mediação pedagógica no contexto da educação de jovens e adultos na escola municipal Marcionílio Rosa – Irecê/BA. **Revista DISCENTIS**. 1ª Edição. Dezembro 2012.

HUIZINGA, Ludens. **Homo Ludens**. Tradução de João Paulo Monteiro. 4ed. Ed. Perspectiva, 2000.

MACÊDO, Goiacira Nascimento Segurado. A construção da relação de gênero no discurso de homens e mulheres, dentro do conte organizacional. Goiânia: PUC-GO. Dissertação de Maestrado. Documento disponível em: < http://www.ucg.br/ucg/katiamacedo/dissertacoes/pdf/Goiacira_ConstrucaoRelacaoGneroHomemMulher.pdf > Acesso em 27 jun. 2014.

OLIVEIRA, Eliene; RODRIGUES, Marcia do Socorro; SOUZA, Rejanete Silva; GUIMARÃES, André Rodrigues. O lúdico na educação de jovens e adultos. CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16. **Anais**. Documento disponível em <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem01pdf/sm01ss04_08.pdf> . Acesso em 15 abr.2014

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de Adultos**. São Paulo: Ed. Cortez. . 2010. 16ª ed.

RÉUS, Márjori Bez. “**Caprichem nas folhinhas**”: a infantilização das práticas pedagógicas e a docência da EJA. Porto Alegre: FAGED/UFRGS. Trabalho de Conclusão de Curso. Documento disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000895686&loc=2013&l=978550e17f0d9f77>> Acesso em 31 mar. 2014.

SOLETTI, Andréia Pagnan. **O uso da música na sala de aula**: um estudo de caso na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Jacintho Silva do Município de Cotiporã/RS. Porto Alegre: CINTED/ UFRGS. Documento disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95911/000911678.pdf?sequence=1>> Acesso em 19 jun. 2014.

ANEXOS

Anexo 1

Roteiro coletivo para a fotonovela e a criação de audiovisual:

MARIA ESPERANÇA

Em fila os alunos descem a escada com a professora. A Chiquinha cai, bate com a boca no corrimão e quebra um pedaço do dente.

A professora grávida leva a Chiquinha para o médico.

Simone sente as dores do parto.

Na sala de espera há uma parteira que prontamente atende a professora grávida, trazendo ao mundo uma criança forte e bonita.

A secretária do dentista liga para SAMU pedindo uma ambulância com enfermeira. A ambulância chega rapidamente.

A enfermeira vê os sinais da jovem mãe e a encaminha para a ambulância que a leva para o hospital.

Chegando ao hospital, a diretora Suzana Vieira, chega e pergunta:

- Quem pagará a conta?

A obstetra e a enfermeira que atendiam a professora, indignadas, respondem:

- Ninguém ela será atendida pelo SUS.

A diretora grita:

- Só se for SUS...TO!! Aqui só entra quem paga!

A enfermeira diz:

- Ela precisa ser atendida.

A obstetra completa:

- Fizemos um juramento no qual prometemos sempre atender a todos que necessitam de atendimento.

Suzana Vieira (diretora do hospital) contesta:

- Essa história de juramento é um absurdo. Eu preciso de dinheiro para comprar meus lindos sapatos e sandálias!

A paciente que espera atendimento levanta e fala:

- Minha cara, o que você vai fazer com os sapatos depois de morrer? Uma vida é muito mais importante que um par de sapatos!

Suzana responde:

- Meus filhos montarão um brechó e pegarão o dinheiro para comprar mais sapatos novos para eles!

Todos se revoltam e começam a gritar:

- Absurdo!

- Mercenária!

- Só pensa nos sapatos!

- Vai deixar morrer por causa de um par de sapatos?!

Suzana, então fala:

- Tá, tá, tá... Odeio esses gritos e essa confusão. Atende logo essa ex-barriguda!

- Enquanto estavam discutindo, já atendemos a paciente!

A paciente é levada ao quarto. Chegando lá, encontra a nutricionista que lhe dá alguns conselhos sobre a alimentação da mãe e do bebê.

- Você precisa de uma alimentação bem saudável, principalmente frutas e verduras. Precisa se alimentar bem para ter um leite materno saudável também.

- É importante que o bebê mame pelo menos até os seis meses.

Enquanto isso...

Chiquinha foi atendida pela dentista em seu consultório. Agora precisa ter uma boa recuperação após o procedimento dentário...

E tudo se resolveu sem precisar procurar a delegada, na delegacia mais próxima.

Anexo 2:

Fotos tiradas durante a efetivação do trabalho referente a esta pesquisa:







Anexo 3: Letras das músicas utilizadas para a feitura do trabalho ao qual se refere a presente pesquisa.

Música 1:

Mulher (sexo Frágil)

ErasmO Carlos

Compositor: Narinha - Erasmo Carlos

Dizem que a mulher é o sexo frágil
 Mas que mentira absurda
 Eu que faço parte da rotina de uma delas
 Sei que a força está com elas

Vejam como é forte a que eu conheço
 Sua sapiência não tem preço
 Satisfaz meu ego se fingindo submissa
 Mas no fundo me enfeitiça

Quando eu chego em casa à noitinha
 Quero uma mulher só minha
 Mas pra quem deu luz não tem mais jeito
 Porque um filho quer seu peito
 O outro já reclama a sua mão
 E o outro quer o amor que ela tiver
 Quatro homens dependentes e carentes
 Da força da mulher

Mulher, mulher
 Do barro de que você foi gerada
 Me veio inspiração
 Pra decantar você nessa canção

Mulher, mulher
 Na escola em que você foi ensinada
 Jamais tirei um dez
 Sou forte mas não chego aos seus pés

Link: <http://www.vagalume.com.br/erasmo-carlos/mulher-sexo-fragil.html#ixzz30YsqsSrc>

Maria, Maria

Milton Nascimento

Compositor: Milton Nascimento E Fernando Brant

Maria, Maria,

É um dom,

Uma certa magia

Uma força que nos alerta

Uma mulher que merece

Viver e amar

Como outra qualquer

Do planeta

Maria, Maria,

É o som, é a cor, é o suor

É a dose mais forte e lenta

De uma gente que ri

Quando deve chorar

E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força,

É preciso ter raça

É preciso ter gana sempre

Quem traz no corpo a marca

Maria, Maria,

Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha,

É preciso ter graça

É preciso ter sonho sempre

Quem traz na pele essa marca

Possui a estranha mania

De ter fé na vida...

Link: <http://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/maria-maria.html#ixzz30Yv2pCSx>

Anexo 4: Termo de consentimento informado e de utilização de imagem



**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Departamento de Estudos Especializados**

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO E UTILIZAÇÃO DE IMAGEM

A aluna **CARLA ANGELICA LUDWIG**, aluna regular do curso de pedagogia da **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, sob orientação do Professor **Evandro Alves**, realiza a investigação “**Ludicidade e EJA: A alegria do aprender**”, junto a discentes da T1 e T2 da escola Municipal Presidente Vargas, participantes do trabalho referencia. Os objetivos desta pesquisa são contribuir com discussão sobre o trabalho pedagógico na EJA, suas especificidades e potencialidades, para que tenhamos uma educação com respeito aos seus educandos, suas fases e condições de “vida”. Com o intuito de uma maior qualidade de ensino, na qual a “vida”, em suas múltiplas facetas, possam ser potencializadas como estratégias de trabalho para o ambiente escolar.

As atividades de pesquisa consistem em entrevistas e registros fotográficos.

Nós, abaixo assinadas, concordamos que sejam mencionados nossos nomes e imagens decorrentes em apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha ser publicado deste processo de pesquisa.

Salienta-se que, a participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o (a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

A aluna compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (51)84690332 ou por e-mail – klicalu27@gmail.com.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

Eu, _____, inscrito sob o nº de RG _____,

Concordo em participar desta pesquisa.

Assinatura do(a) participante

Assinatura do(a) pesquisador